

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,

Aleindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor—FAFE

## SÃO UNS ALHOS... Coisas e Loisas

A monarquia em Portugal desapareceu para não mais voltar, não só porque os *bons monárquicos* já não pensam nisso, como também, e designadamente por esta razão, porque a grande maioria do povo português é republicano, e na hora oportuna todos se uniriam para a defesa da República, e consequentemente para esmagar o orgulho e a ousadia dos seus inimigos. Não! A República vive e viverá. A República, regime de Democracia e de Liberdade, saberá vencer os ataques traiçoeiros dos seus inimigos e sairá sempre vitoriosa das arremetidas dos mesmos.

A experiência (que neste caso já é de 20 anos) assim o tem demonstrado nas lutas sucessivas da reacção contra a República. Não sirvam as nossas palavras de melindre para alguém, porque eles são apenas dirigidas aos monárquicos *infiltradores*, nada tendo com os que, embora conservando o seu ideal, não hostilizam a República nem se aproveitam de oportunidades favoráveis para o fazer.

Este número foi pisado pela Comissão de Censura

## BANCO DO MINHO

Por ter encerrado as suas portas, estabeleceu-se o pânico na cidade e arredores, entre os crédores deste Banco que são em grande número e em quantias avultadas.

Lamentamos o sucedido que mais vem dificultar a situação financeira da nossa praça, que, por um vento de insanía, já se encontrava numa situação de certo modo precária. Fala-se em famílias desgraçadas e pés-de-meia de muitos anos de vigílias e canceiras, absorvidos por esta fatalidade.

Se há responsáveis desta catástrofe, que eles sejam severamente punidos.

## Curso de explicações

para o ensino secundário e comercial  
DIURNO E NOTURNO

Falar na Procuradoria do Dr. João de Oliveira Bastos & Gomes Alves, árua da República n.º 85.

Pois, senhores, não há que vêr: temos de reformar os compêndios de geografia, agarrar nos saragachanos, na astronomia, na climatologia, na meteorologia e quejandas espécies científicas com que nas escolas secundárias se enfarta até à indigestão o pobre caco da nossa briosa juventude, e baralhar para tornar a dar.

Estio de grilo e o outono é isto que se está vendo, esta coisa quizilenta, sem o sol doirado e tépido do costume, com cada bátega que é da gente marcar logar na arca de Noé.

Está tudo tórto, até o direito.

\* \* \*

Quando se implantou a ditadura em Espanha, sob a égide do falecido Primo de Rivera, escrevi eu que os dias da monarquia espanhola estavam contados. Os factos aí estão a provar que me não enganei. Um frémio de vida nova galvaniza todos os organismos da nação vizinha, descrentes já dos velhos processos monárquicos, e o trono vacila ante os sucessivos movimentos para a conquista daquela liberdade que há-de, fatalmente, conduzir à República.

Desprestigiados e esfacelados os velhos partidos, que, ao que se está vendo, só viviam da fictícia força que o caciquismo lhes emprestava, nenhum deles se encontra hoje em condições de arcar com as responsabilidades do governo, todos reconhecendo que a opinião pública lhes não é favorável. Deste modo, apenas um caminho se apresenta aos que sucederam ao Primo de Rivera — as eleições. Estas indicariam as mãos que deviam tomar o leme do Estado, quando, como é lógico, fossem feitas com imparcialidade, isto é, sem abusos, sem coacções e sem viciação dos cadernos electoriais. Ora, esta última condição parece não se observar, e é essa a razão que alegam os partidos da esquerda, quando afirmam o seu propósito de não concorrerem às urnas.

Por outro lado, os partidos da direita, únicos esteios, fracos e único amparo, da realza, dia a dia se vão entendendo menos, constantemente se avolumando as dificuldades que obstam a que se realize a chamada *frente unica*, espécie de *união sagrada* que os conservadores formariam, para dar combate ás aguerridas e formidáveis hostes dos que pretendem derubar o trono e os balofos preconceitos em que elle assenta.

Pesado tudo isto, o descrédito das instituições monárquicas, a fraquês e pulverização das forças em que podia apoiar-se, o propósito em: que estão os partidos da esquerda de não irem ás urnas, alegando que as eleições serão uma burla, e atendendo ainda a que a situação económica da Espanha é grave, muito grave mesmo, fácil se torna a qualquer fazer vaticínios. Não nos importa o que se passa em casa do vizinho, mas não é sem prazer que constatamos a pressa com que os factos vieram em nosso auxílio.

Nestas lutas pela Liberdade, na Espanha como em qualquer outra

parte, sempre a juventude se tem evidenciado. E' ela que mais alto levanta o pendão das reivindicações liberais, como é ela que mais clama o seu entusiasmo nas campanhas contra a opressão. E' ela, a juventude, que fornece o melhor e o maior contingente de combatentes em tais lutas, sempre garbosa, sempre heróica, levando o calor do seu sangue rubro e forte a toda a parte onde um braço se levante para servir a Justiça ou uma voz se erga em defeza da Liberdade.

Na Espanha a juventude, principalmente a juventude académica, tem desempenhado primordial papel nos acontecimentos actuais.

Não se poupando a sacrifícios, sublime no seu heróico despreendimento, é ela a primeira a aparecer em campo e a sacrificar-se abnegadamente, para que a sua Pátria se resgate definitivamente de velhos erros e alcance, sob a égide da República, a prosperidade a que tem direito pelos seus recursos e pela sua história. Heróica juventude, heróica academia!

Em toda a parte a mocidade é assim, heróica, sublime. E lá por que, aqui ou ali, surja um ou outro grupelho de rapazes decrepitos, de pseudo-jovens, com geiteira para enaucos; lá porque jovens haja que, em pleno século XX, pedem um bispo para lhes benzer as pastas e um rei que os escravize, não se segue, felizmente, que a regra não subsista.

Tristes excepções, esses mocinhos passarão a vida sem a viver, acorrentados à negra grade dos sedícios preconceitos, a que os jungiu a pobreza de espirito e uma educação antiquada, rotineira.

Ridículas excepções a uma nobilíssima regra.

X X X

## Notas do Banco de Portugal

Para as tesourarias da Fazenda Pública e Agencias do Banco de Portugal foram enviadas circulares determinando que não sejam recebidas as notas que tenham apostos quaisquer carimbos de casas comerciais.

As notas que estiverem nessas circunstancias só poderão ser recebidas na séde do Banco, em Lisboa.

## "O Almadense"

Recebemos a visita deste brilhante semanário republicano que se publica em Almada, sob a direcção do Ex.º Sr. Alberto H. de Figueirêdo.

Bem apresentado graficamente, a sua colaboração marca pela doutrina que difunde e pela nobreza de princípios que encerra. Agradecemos a visita, e vamos permutar.

## Perdeu-se

No caminho da Penha que vem ás Capuchas, uma caneta *Conklin*, tendo no tópo as letras A. M.

A quem a achar pedimos o favor de fazer a sua entrega na nossa redacção, prestando-nos a da mais esclarecimentos.

## EXILIO

*Partir vergado ao péso da Saudade,  
E posto em alborço o coração...  
Deixar a terra, o lar e a herdade  
Construidas pela nossa própria mão...*

*Dominado p'la triste realidade  
Partir como grilheta, sem perdão,  
Em busca doutra terra—onde a Verdade  
Seja farta de luz, d'água e de pão...*

*Não há no mundo dor que punja tanto  
Nem maior desespero a atormentar  
Que esse degrêdo feito só de pranto.*

*Busca-se o lenitivo para o mal,  
E embora se respire um novo ar,  
Diz a patologia:—Portugal.*

1930

L. COELHO.

## Arte de bem enganar o papalvo

## O Administrador-delegado nos Claustros da Oliveira

E' curioso, causa mesmo espanto, este erguer de cabeça que vem fazendo o Administrador delegado nos Claustros da Colegiada—sempre bamboleante e arguto—, no desejo de apagar, *d'effacer* o que nas colunas deste jornal se tem dito a seu respeito!

Bimbalham os sinos, levantam-se monumentos literários e, a todo o transe, com uma pressa que nos deixa boquiabertos, os bajojos de espirito torcem a verdade, dão-se as mãos amigavelmente, e penitenciam-se de erros passados!

O amor, a quanto obrigas! A defesa vem sendo feita em alta grita, revelando ao interessado qualidades excepcionais que toda a gente desconhecia, businada clangorosamente a marcha da glória, abertas de par em par as portas do Empíreo que o aureolará de immortalidade.

Nunca se viu, ninguém pôde ainda contemplar, uma ascensão tão deslumbrante e devéras milagreira!

Só Vizeu fica distante e não surgiram tábuas antigas para lhe dar renome, alma de artista e mensuralismo investigador...

Que é, afinal, o Administrador delegado no restauro dos Claustros?!

Arquitecto conhecedor e profundo?

Arqueólogo erudito?

Mão-cheia de saber e de talento?

Nada, meus senhores.

O sr. Alfredo Guimarães não é ali nada, absolutamente nada.

O sr. Alfredo Guimarães não rabisca um O do tamanho duma roda dum carro de bois, e, portanto, não traçou um linha sequer sobre a instalação do Museu Alberto Sampaio.

O sr. Alfredo Guimarães, formidável arqueólogo, não delineou qualquer capitél a substituir os mutilados pela sanha dos homens.

O sr. Alfredo Guimarães só tem feito o que lhe ordenou o sr. Baltazar de Castro, e nunca por

nunca o que pensasse fazer por seu livre alvedrio.

O sr. Alfredo Guimarães é simplesmente um fiscal (pobre massa falida!) que faz cumprir ordens dimanadas dum ente superior.

¿ Bem ou mal?  
¿ Tem-se desempenhado com saber e talento?

E' o que provaremos no próximo número.

Duma vez para sempre, mas para sempre, vamos dizer o que é e o que vale o sr. Alfredo Guimarães.

E estamos certos que a nossa argumentação será precisa e indestrutível, em tudo muito superior áquela que «diz ter visto certa carta» e que nas costas do replicador se resumiu nisto: «eu não vi nada, mas é assim que eu lhes atiro os argumentos por terra».

Esta argumentação é a do sr. Alfredo Guimarães.

Tem sido desta maneira que tem argumentado todos os actos da sua vida.

E' desta maneira, argumentando falsamente, que vem instalando o Museu Alberto Sampaio.

Até á semana, com novos processos de argumentação.

## Virgílio Osório

Regressou a Almeida, onde reside ná mais de ano, este nosso querido amigo e correligionário, que nesta cidade conta inúmeras simpatias.

Veio apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida, pelo que lhe auguramos muitas felicidades e venturas, desejando-lhe um immediatregresso a esta cidade.

Lêde e propagai

"A Velha Guarda,"

**NOTÍCIAS ESCOLARES**

**“SOLIDÁRIA”**

Vamos referir-nos a esta instituição que presta os seus serviços ás Escolas Centrais desta cidade.

—Ao fazê-lo, um só desejo nos anima: defender os interesses das criancinhas na escolaridade dentre as quais cremos que avulta o da assistência aos alunos pobres, que não devem ser colocados no mesmo pé de igualdade com os reconhecidamente remediados e quasi ricos.

—Mais ainda: desejamos ver muito bem esclarecidas e dignificadas as instituições que no ambiente escolar exercem a acção beneficente e educativa e esclarecer a nossa atitude perante a «A Solidária», sem preocupações de estilo, nem abusando de «frases feitas» que, por tão usadas, vão perdendo a nobreza.

—Não pretendemos criar opinião e muito menos fometar atritos, mas não abdicamos do direito de dispensar sugestões para a plena execução da nossa função social.

—Como afirmamos no número anterior o Concelho Escolar da E. Central Masculina desta cidade deliberou por unanimidade que se propusesse a liquidação da «A Solidária» e em sua substituição se fundasse um organismo de assistência escolar integrado no pensamento do legislador que inspirou o Decreto que estabelece as bases da criação de «Caixas Escolares» e mais instituições de indole semelhante e providencia sobre o seu funcionamento.

—Reuniu a Direcção na tarde de 11 próximo pretérito tendo o seu digníssimo presidente Ex.<sup>mo</sup> Sr. A. L. de Carvalho levado a sua gentileza ao ponto de convidar o corpo docente das Centrais a assistir á sessão exclusivamente destinada a resolver o assunto que nos ocupa.

Pelo menos, assim o entendemos.

—Abriu a sessão com o discurso costumado, dando todo o relevo ao carinhoso amor pelas criancinhas, ao facto de ter lançado os fundamentos daquela tão útil e imprescindível instituição, e não se dispensando sua ex.<sup>a</sup> de lembrar ao professorado a responsabilidade que sobre si impendia acerca do futuro da assistência escolar, deixando transparecer os seus receios de que sossobriaria com o desdobraamento em secções privativas de cada escola. Concordava em que a «A Solidária» estava a agir desde há muito fora dos estatutos que sempre a deviam ter regido.

—Acreditamos piamente na sinceridade do arvor á infância escolar por parte do sr. A. L. de Carvalho; não regateamos aplausos á sua provada dedicação pelas instituições auxiliares da Escola e reconhecemos a proficuidade dos seus esforços.

—E nem sequer supomos que a nova feição que vai tomar a assistência escolar fará diminuir a intensidade de sentimentos antigos e fortemente enraizados na sua alma.

—A figura do professor deixará de ficar oculta; a sua acção menos apagada; a acção do novo organismo mais harmónica com o rótulo; e os votos, quasi de qualidade, cessarão.

—Terminada a oração do dig.<sup>mo</sup> Presidente da Direcção de «A Solidária» ofereceu sua ex.<sup>a</sup> a palavra aos senhores professores. Tomou-a o Sr. Director da C. Masculina expondo o ponto de vista do respectivo Conselho Escolar.

—Ouvida a exposição inclinou-se a presidência para a consulta ao Conselho Escolar da C. Feminina, pedindo nós então a palavra para vincar que nada havida a derimir entre os dois Conselhos.

—A deliberação do Conselho de que fazemos parte teria sempre

execução, fosse qual fosse o voto do Conselho das Senhoras Professoras; veivindicamos uma caixa escolar em termos legais e a quota de fundos que tocar ao sexo masculino, por direito e por justiça. Há desacordo no refeio?

Cremos que ainda é corrente o principio das maiorias.

A certa altura da fase das explicações, sua ex.<sup>a</sup> a Sr.<sup>a</sup> D. Luísa Miranda, dig.<sup>ma</sup> tesoureira, permitiu-se fazer uns reparos ao procedimento de alguns «senhores professores» nas suas relações com a «A Solidária». Pedindo nós outra vez a palavra reclamamos que nos indicassem quais as instruções dadas aos professores das Centrais, designadamente aos recentemente colocados.

A resposta ficou... na gaveta. Não basta censurar; resta elucidar, esclarecer e sobretudo não impor mas regularisar.

Adiante... Em todo o caso reiteramos o nosso pedido de informação acerca do nosso procedimento adentro do organismo a que nos vimos referindo desde 1 de Outubro de 1926 a 14 de Julho ds 1930.

\*\*\*

Não estivemos até ao fim da sessão, por necessidade imperiosa de comparecer-mos noutro local.

—Informaram-nos porém que o ex.<sup>mo</sup> sr. A. L. de Carvalho propôs—talvez como plataforma de solução de imaginários conflitos—porque não dizê-lo—que se elege-se nova direcção de que fariamos parte.

—Como poderia ser isso uma solução se nós tínhamos já recusado a trabalhar sob ordens que não se revestiam da indispensável legalidade?

De resto o nosso ponto de vista nada tem de comum com a conquista de «penacho», «penas de pavão» ou «esporas de ouro».

Fomos sempre e através de todas as situações modesto, correcto e sobretudo respeitador das posições de outrem.

Mas nunca abdicamos dos nossos direitos e sómente subordinamos o cumprimento dos nossos deveres officiais ás ordens e sugestões de quem legalmente esteja investido das funções de mando e comando.

Para o cumprimento de todos os deveres correlativos com a nossa digníssima missão de professor primário dispensamos imposições suavizadas com epígrafes encantadoras, como podemos provar com o nosso cadastro.

—Fizeram muitíssimo bem em não aprovar o alvitre que em nada nos pode lisongear por ser contrário no nosso feito e muito mais aos nossos propósitos.

—A nossa discordância com o funcionamento de «A Solidária» está bem justificada com o reconhecimento por parte da sua Direcção de que desde longa data exercia a sua acção fora de qualquer discussão e exclusivamente ao sabor da Direcção; por outro lado não quisemos concorrer com a nossa cooperação e colaboração para que se espalhe cada vez mais a opinião de que qualquer medida atinente a conservar e aumentar a frequência escolar, a melhorar a efectivação dos programas em toda a sua extensão se deve a iniciativas estranhas ao professorado da cidade, a respeito do qual já ouvimos que era necessário «arastá-lo para este campo de acção».

—Apraz-nos registar aqui que jámais duvidamos da honestidade da gerência da «A Solidária».

—Já excede 400 o número de alunos matriculados na E. C. Masculina.

—Como já foi aprovado em Conselho de Ministros o regulamento do Decreto que permite desdobramentos nas escolas primárias ele-

**CAÇA**

**Ignorância malévola**

Nunca gostei de manter polémicas seja com quem for, mas muito principalmente com aqueles que, para defender qualquer tese verdadeira ou errônea, procuram antes de atacar, defender-se com palavras, carapuças que lhes vestem admiravelmente.

Mas vá lá, desta vez consinto em dar ouvidos a um indivíduo que não conheço mas tantas vezes escreveu o meu nome no último número deste jornal, na secção de caça, que vou responder com toda a franqueza, que me é peculiar e sem lhe chamar nomes feios, aliaz bem merecidos.

Sr. J. T. Quando iniciei a campanha em prol da caça um único fim tinha em vista: defender as espécies cinegéticas dos maus caçadores e elucidar estes, segundo o meu critério ou opiniões mais autorizadas que a minha, depondo em meu espírito qualquer vaidade ou paixão que por vezes possa transparecer nos meus artigos.

Na minha última crónica disse que membros da nova Comissão Venatória, transgrediram a Lei da Caça no primeiro dia, e é verdade: garantiram-no pessoas de reconhecida competencia e honestidade, e, alem destes, alguém que acompanhou essa formidável coluna o confirmou, designando os nomes de todos:

Compreendeu? Então *vocemecê* julga porventura que eu viria para aqui dizer coisas infundadas!

Coitados dos pobres d'espírito! Não disse tudo quanto sabia nessa altura, pelo que estou arrependido, mas as coisas não vão a matar, e se alguém assim o insinuar não porei dúvidas em declarar outras transgressões, deslealdades que se cometeram.

A tal dôr de cotovelo a que se refere, não meche com a minha sensibilidade pelo seguinte:

Como naturalmente assistiu ás eleições, verificou como eu, as diferentes deficiências que se suscitaram, tendo ficado *regitadas na respectiva acta*, podendo-se portanto, com a maior facilidade anular aquele acto eleitoral.

Se eu próprio o não fiz foi por causas que por enquanto escuso de dizer...

Se proventura reconhecer que os senhores membros da Comissão, farão um serviço cujos resultados sejam satisfatórios e se averigüe de momento, creia, sr., que serei o primeiro a propalar alto e bom som os seus méritos e a ajudar por este meio a causa que defenderem.

Já vê, portanto, o meu faciosismo.

Mas como ia dizendo e contando, o meu fim neste jornal é defender a caça impondo aos muitos J. J. T. T. que vegetam por este mundo o respeito por aqueles que se prezam de ser caçadores, e acima de tudo, pela lei; e não é discutir com pessoas menos educadas, e que pondo de parte os ditames da sua consciencia, dizem, dizem sempre coisas, babozeiras, sem nexo, disparando insultos que só a eles pertencem.

Se *vocemecê* pretende ser caçador e dizêr algumas *larachas* a tal respeito, compre dois livrinhos —um (civildade) para aprender a respeitar e ser respeitado, e o ou-

mentares, é de supor que brevemente será publicado no D. do Governo e as inspecções de Regição Escolar não demorem a autorização dos desdobramentos necessários.

Outubro de 1930.

Prof. Jerónimo-Ferreira Botelho.

tro (Lei da Caça) para depois de lido, vêr se afinal encontra aquilo que nós todos temos obrigação de conhecer acima de tudo!—«O espirito da Lei».

Leia, estude, faça por aproveitar alguma coisa: que tenha a certeza, me dará razão mais tarde.

E para terminar este incidente que se me deparou inesperadamente, aconselho o articulista a tratar de assuntos de que tenha mais conhecimentos, para que se adote aquele adágio antigo «*Quem te ensinou sapateiro a tocar rabeca*»?

Tome nota disto, que enquanto não encontrar um critério nos seus dizeres, não lhe ligarei a menor importancia, e não ser pessoalmente.

Guimarães 15 de Outubro de 1930

Gaspar Pimenta

**Pela República**

As notícias que dia a dia se vão avolumando acerca dos progressos do ideal republicano, em Espanha, são uma segura garantia de que o povo espanhol quere a República. Este facto, que muito penalisa os monárquicos de Portugal, é uma prova indestrutível de que todos os povos que desejam progredir reconhecem que é a República o regimen indicado, sinal evidente e claro de que o *lutellado* das monarquias já deu o que tinha a dar.

Todavia, alguns monárquicos portugueses, aquêles que ainda não se conformaram com a ordem natural das coisas, continuam a ter esperança num futuro que jámais chegará.

Mas porque todas essas tentativas falharam, vêm-los metidos novamente nos mesmos espectáculos — amoldando-se a todas as *nuances* da politica.

São estes moralistas modernos os *leiloeiros* da moralidade e da ordem, quando é certo que a experiencia tem provado que a moralidade deles consiste em comer da República.

E dito isto, terminamos estas poucas considerações, que nos foram sugeridas pelas notícias que temos lido sobre a politica espanhola, notícias reveladoras dum grande sentimento republicano.

**Assinaí 'A Velha Guarda'**

**EDITAL**

**ã Camara Municipal deste concelho de Guimarães**

Faz saber que no dia 29 do corrente mez de outubro pelas 15 horas nos Paços do Concelho tem de arrematar-se em hasta pbblica a ocupação das barracas da Praça do Mercado, desta cidade, de n.<sup>os</sup> 36, e 53 e 54, pelo tempo de desde o dia da arrematação até 30 de Setembro de 1931, sob as seguintes

**BASES DE LICITAÇÃO:**

Barraca de n.<sup>o</sup> 36, destinada á venda de peixe, 300\$00;  
Barraca de n.<sup>os</sup> 53 e 54, destinada á venda de vários géneros, por cada porta, 150\$00;

As condições estão patentes na Secretaria da Camara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos logares mais publicos.

Paços do concelho de Guimarães, aos 8 de outubro de 1930. E eu *Américo de Oliveira Durão* Chefe da Secretaria da Camara o subscrevi.

Pelo Presidente da Comissão Administrativa, o vereador,

*António J. Pereira de Lima*

**Assinaí «A Velha Guarda»**

Não demorem a sua inscrição de sócios na  
**A. S. M.**  
**“A PREVIDENTE”**  
Para ambos os sexos dos 21 aos 55 anos

Presidencias dos corpos administrativos:  
Assemb. Geral—*Dr. José Figueira d'Andrade*, advogado  
Cons. Fiscal—*Dr. Guilherme Machado Braga*, médico  
Direcção—*José Pinheiro*, corretor oficial de vinhos.

Subsidios de sobrevivencia aos herdeiros dos inscritos, ou a qualquer pessoa a quem o socio legue o referido subsidio, na razão de 10 contos por cada mil socios existentes á data do pagamento.

A mais perfeita organização de sobrevivencia

Peçam esclarecimentos ou prepostas que serão fornecidas na volta do correio

SÉDE — Rua Passos Manuel, — PORTO  
TELEFONE 4-750

Aceitam-se socios correspondentes nas localidades onde ainda não existam.

Para informações em Guimarães:  
O sócio correspondente—*Alberto Gomes Alves*  
Rua da República, n.<sup>o</sup> 85.